

OLHARES ACERCA DE AVALIAÇÕES E EXAMES: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

VIEWS ON ASSESSMENTS AND EXAMS: SOME REFLECTIONS ON THE IMPACT ON STUDENT LEARNING IN BASIC EDUCATION

Iasmim Soares DAMASCENO¹

Eduardo da Silva CABRAL²

Pedro Antonio Gomes de MELO³

RESUMO: No contexto hodierno, muito se discute sobre as práticas avaliativas e examinadoras na formação de educandos. Logo, nota-se que os impactos advindos de práticas pedagógicas distintas resultam no processo de ensino-aprendizagem. Destarte, o objetivo deste artigo é discorrer acerca dos impactos das avaliações e testes em sala de aula. Para construir esta pesquisa em solo firme, escolhemos Luckesi (1998), Freire *et al.* (2013), dentre outros. Metodologicamente, tem-se natureza básica, fonte primária e gênero teórico. Portanto, os resultados finais revelaram que os docentes realizam mais exames do que avaliações e poucos deles realizam a coleta de dados para avaliações.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Avaliação Escolar; Pesquisa.

ABSTRACT: In today's context, there is a lot of discussion about evaluation and examination practices in education. As such, the impact of different pedagogical practices on the teaching-learning process has been noted. The aim of this paper is to discuss the impact of evaluations and tests in the classroom. To build this research on a solid ground, we chose Luckesi (1998), Freire *et al.* (2013), among others. With respect to methodology, we have a basic nature, primary source and theoretical genre. Therefore, the final results revealed that teachers make more use of exams than assessments and few carry out data collection for assessments.

KEYWORDS: Education; School Evaluation; Research.

1 Introdução

Durante o percurso histórico da educação, sobretudo no século XVIII, o ensino-aprendizagem emergiu pautando-se na realização rigorosa de exames ou testes escolares (Luckesi, 1998). Embora sejam feitas grandes contribuições pela Pedagogia

¹ Graduanda do Curso de Letras Português, na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil. E-mail: iasmim.damasceno.2021@alunos.uneal.edu.br

² Graduando do Curso de Letras Inglês, na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil. E-mail: eduardo.cabral.2022@alunos.uneal.edu.br

³ Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Professor Titular do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: pedro.melo@uneal.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4873-564X>

Construtiva (Luckesi, 1998) no ambiente escolar contemporâneo, confundir as práticas educacionais de exames com o ato avaliativo é algo comum na educação básica, visto que a preocupação com ênfase na lógica autoritária de exclusão, classificação e pressões psicológicas por resultados mensurados não é sinônimo de aprendizagem. Reflitamos, pois, o que diferencia um discente que passou com a média ou mínimo de pontos de um discente que reprovou por meio ponto ou décimos? O discente que obteve resultado mediano tem a mesma capacidade de aprender que o estudante que não passou por não atingir a média.

O detalhe que diferencia os dois está na forma com que o sistema educacional moldou os estudantes a resumir seus conhecimentos em notas e esquecerem-se de sua qualidade na aprendizagem, que deveria ser uma prática constante e contínua e que não se resume apenas ao momento dos testes. Com isso, é válido questionar: como os professores lidam com as diferenças entre o processo avaliativo e a prática de examinar dentro do seu processo educacional? Ao observarmos o que diz Demo *apud* Veiga (2011, p. 14), na concepção de um Projeto Político Pedagógico (PPP) ideal para as diversas escolas, temos que “a escola de qualidade tem obrigação de evitar todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão”. No entanto, os docentes enfrentam dificuldades e perdem a autonomia de poder reprovar os discentes, e estes últimos acabam por deixar a escola como um segundo plano e menor prioridade em suas vidas. Assim, a escola é imersa no dilema entre disciplinar e mensurar resultados ou promover a aprendizagem.

No cenário educacional hodierno, a avaliação é frequentemente confundida com o ato de examinar, o que gera desafios importantes para docentes e discentes. Ao embasar-nos nos estudos de Luckesi (1998, p. 181), observamos uma análise comparativa que enfatiza o hiato entre avaliar e examinar educandos, formas distintas durante a prática escolar. O autor menciona que: “Quanto à temporalidade, os exames estão voltados para o passado e a avaliação para o futuro” (Luckesi, 1998, p. 181). Em outras palavras, no momento em que se examina, está a mensurar aquilo que o estudante memoriza até chegar à realização do teste, pois, ao terminar a prova escrita, o aluno pode esquecer aquilo que memorizou de modo automático. Entretanto, quando se efetua a avaliação, é visada a aprendizagem em sua essência, com uma coleta de dados adequada, diagnóstico do estudante e acompanhamento das dificuldades das quais serão feitas intervenções.

No contexto escolar, avaliar tornou-se uma prática essencial no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, para tal ação há uma limitação de potencial por práticas predominantemente classificatórias como ferramenta pedagógica. Mas o que realmente diferencia a avaliação do exame? Diante de tal problemática, a questão-norteadora que guiou a realização deste trabalho é: como os docentes percebem a problemática do processo avaliativo dentro do sistema educacional? É diante dessa questão central que permeiam debates, no espaço educacional, há décadas. Nessa direção, propomos investigar, neste trabalho, os impactos da avaliação na aprendizagem, a partir dos conceitos de exame e de avaliação difundidos no contexto escolar.

Metodologicamente, a investigação produzida configura-se como uma pesquisa de natureza básica, pois não pretende resolver os impasses, a fonte de pesquisa é

primária, visto que os quadros e as perguntas foram elaborados pelos autores. Em relação ao gênero, essa pesquisa configura-se como teórica, em virtude da análise das diversas concepções educacionais. Desse modo, o trabalho tem objetivo exploratório, já que se atém no primeiro contato com o objeto do estudo, a fim de ampliar o conhecimento (Paiva, 2019) acerca de olhares de docentes sobre avaliações e exames. Além disso, é de abordagem qualitativa, ou seja, trabalha com dados buscando seus significados, a partir da percepção do fenômeno. E ainda, é fundamentada pelos princípios teórico-metodológicos do campo da Pesquisa Educacional, em especial as contribuições de Paiva (2019); Melo (2021); Silva, (2022); Freire *et al.*, (2013); Vasconcellos (2004); Luckesi, (1998), entre outros.

O trabalho está dividido em três seções principais, além dos elementos pré-textuais e pós-textuais, a primeira os fundamentos teóricos que orientam o estudo, ao destacar as principais contribuições utilizadas na pesquisa, na qual observamos as possibilidades advindas da temática; a segunda seção descreve a metodologia adotada, em que ressaltamos aspectos relevantes para a análise. Por fim, a terceira seção explora os resultados e as discussões, com a apresentação dos dados coletados e suas respectivas interpretações. Vejamos como se dispuseram, a seguir:

2 Encontros e desencontros entre os atos de avaliar e de examinar

Com o decorrer dos últimos anos, os estudos acerca do (des)encontro entre os atos de avaliar e o ato de examinar vêm sendo vastamente divulgados em diversos campos de pesquisa, sejam no acadêmico, no profissional, no institucional, dentre outros. De acordo com Silva (2022), esse fator tem remodelado a forma de ver a avaliação, pois o docente faz uso desta prática a todo momento em sala de aula e, assim, não deve haver um hiato entre a avaliação, planejamento e a aprendizagem, posto que são indissociáveis em um processo contínuo. Visto isso, Luckesi (1998) postula que muito se confunde a Pedagogia do exame em relação às avaliações, pois essa prática de exames está centrada no treinamento de estudantes para resoluções de questões conforme os moldes dos testes externos ou internos da escola. À luz dessa perspectiva, existem testes que se revelam a partir do foco na quantidade de aprovação ou reprovação, em vez da preocupação com a qualidade de ensino. Ainda, conforme o referido autor, a avaliação deve ser um processo contínuo, voltado para o diagnóstico e para a intervenção pedagógica.

No decurso da história, é evidenciado que a concepção do ato de examinar como forma de excluir e selecionar candidatos originou-se no século XIX (Luckesi, 1998) e encontra-se, até hoje, em formato de testes admissionais, como o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e em concursos públicos. Tais métodos classificatórios que trazem impactos psicológicos e sociais existem mediante a algumas características unânimes como: o tempo limitado para refletir nas respostas, questões extensas que tornam a prova mais densa e cansativa, questões que não se adaptam ao conhecimento do candidato que, por ter assuntos muito extensos, o candidato talvez possa nem ter estudado. São realizados, ainda, no método tradicional e individualmente. Esses

parâmetros mensuram a memorização de conteúdos e estão longe de qualificar e de refletir sobre a aprendizagem como um processo planejado.

Desse modo, nas palavras de Escudero (2003, *apud* Freire *et al.*, 2013, p. 28):

Na Idade Média, aparecem os exames nas universidades, predominando o método de concurso público oral, na presença do tribunal (mestres ou autoridades do saber). Na Renascença, permanecem os procedimentos seletivos Huarte, de San Juan, que defendeu a observação como procedimento básico de avaliação.

Aliada a essa questão, temos que os exames, assim como as avaliações, podem ser realizados por diferentes instrumentos avaliativos, sejam eles provas escritas, provas orais, seminários, dentre outros. Com efeito, podemos afirmar que o que será de relevância para o docente ao aplicar os processos avaliativos não serão os instrumentos em si, mas a forma como o professor utilizará o instrumento e transporá para a prática sua avaliação ou examinação.

Sob esta ótica, se o estudante se sente pressionado psicologicamente e não houve uma troca de conhecimentos entre educador e educandos e nem uma segunda chance para a aprendizagem constante, então foi realizado apenas um exame. Fato este, lembrado por Luckesi (1998) ao fazer referência à temporalidade, antidemocracia e enfoque na produção final de resultados. Tais fatores são agravantes para a regressão, baixo autoestima e até evasão dos educandos. Nessa conjuntura, compreendemos que essa regressão da aprendizagem por meio da prática examinadora reflete-se em uma ação inadequada. De fato, a pedagogia do exame ilustra o quanto a unidade escolar tem o poder de impedir o aperfeiçoamento e a evolução de discentes e, com um enfoque maior ainda, dos que possuem necessidades especiais.

Para exemplificar tal ação, mencionamos o filme *Como estrelas na terra*: toda criança é especial. Nessa narrativa, um garoto disléxico chamado Ishaan Awashi não tinha acompanhamento psicológico e seus pais já não sabiam o que fazer para ajudá-lo em suas notas baixas e reprovações de ano, visto que o aluno estudava em uma escola de métodos tradicionais que viam a falta de concentração como uma forma de desleixo pelos estudos e constantemente era castigado ou retirado da sala de aula pela sua desatenção e dificuldade de leitura em voz alta. O garoto não conseguia ler em voz alta e não desenvolvia sua aprendizagem em números e demais aprendizagens. Por isso, seus pais não entendiam a situação que acontecia e colocaram ele para estudar em um internato a fim de que tivesse mais disciplina (Japiassu, 2020, p. 1). Desse modo, o Ishaan é julgado como “burro”, além de outras formas de humilhações que os professores se referiam diretamente ao menino, o que resultou em uma baixa autoestima e regressão em sua aprendizagem, pois se, ele gostava de desenhar e pintar, após o internato, nem suas artes realizava mais. Isso foi resultado da prática de exames sem um acompanhamento adequado às suas necessidades.

Para Luckesi (1998), a aplicabilidade da Pedagogia Tradicional tem a percepção de um estudante como um indivíduo pronto que está ali para absorver o que está sendo transmitido pelo professor. Sendo assim, é um equívoco ignorar as dificuldades e desafios que os alunos trilham ao buscar a aprendizagem, sobretudo os estudantes com

necessidades especiais, pois as suas diferenças fazem o caminho a ser trilhado muito mais espinhoso. Ainda sob o respaldo do autor citado, esse argumenta que o ato de avaliar é totalmente desvinculado dos moldes da examinação. Dessa forma, a avaliação atrela-se a uma Pedagogia Construtiva que molda a avaliação conforme três grandes pilares: o diagnóstico, o planejamento, a ação pedagógica e se necessário, uma possível intervenção, fatores estes que se encaminharão para os resultados almejados pelo docente, pois a intervenção será uma forma de não agir com passividade e comprometimento do docente com a mudança da realidade que foi diagnosticada.

Com isso, Luckesi (1998) defende a ideia de que a investigação sistemática de própria prática docente possibilitará uma reflexão crítica e contínua sobre o processo de ensino-aprendizagem, e a tentativa de dirimir os problemas e lacunas encontrados em sala de aula são o enfoque principal de um docente que realiza a avaliação operacional e é direcionado por um currículo mediador, diferente de um currículo como ponto de partida. Para tais práxis pedagógicas, nas palavras de Melo (2021, p. 339), faz-se mister “[...] uma formação docente [...] mais sólida que possibilita a melhoria de seus saberes, a ascensão de conhecimentos atualizados e a aproximação com outras experiências profissionais bem-sucedidas”. E ainda, conforme Vasconcellos (2004), a aplicabilidade da avaliação processual pode destoar da realidade e chão da sala de aula, por não ter os condicionantes necessários para que o professor consiga realizá-la.

Nessa direção, Vasconcellos (2004, p. 8) produziu em sua obra um contexto brasileiro de ensino no qual deve ser superada a lógica classificatória de examinação e menciona em um quadro de respostas de professores alguns dos conflitos mais comuns nesta proposta. Assim, encontram-se: a sobrecarga de alunos em sala de aula, a carga horária excessiva de trabalho, o tempo limitado, cumprimento do sistema/notas, a questão da segunda chance na avaliação do aluno devido a um desencontro entre a cobrança do mundo e a possível falta de preparo do professor. Nesse panorama, os professores acabam deixando essa avaliação engavetada e não se reinventam, o que leva os alunos a serem culpabilizados, mas não o responsável pela disciplina/turma.

3 Procedimentos metodológicos

A constituição do corpus da pesquisa se deu por meio do preenchimento de um formulário eletrônico no Google Forms. O formulário utilizado continha um total de cinco questões e foi aplicado para cinco colaboradores. Os critérios para escolha desses colaboradores foram: i. serem docentes graduados em Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas; e Língua Inglesa; ii. serem profissionais efetivos e/ou serem contratados em redes públicas de ensino na cidade de Santana do Ipanema (AL). A escolha foi pensada a fim de entender como se realizam as práticas de avaliação e os exames no cotidiano da sala de aula, e em experiências diferentes entre si. Assim, foi selecionado um quantitativo de profissionais que possuem embasamento teórico e prático necessários para os resultados da pesquisa. Assim, o Quadro 1 expõe as características das(os) participantes, sendo identificadas(os) com um nome fictício. O locus, no qual foram escolhidos os participantes, encontra-se em Santana do Ipanema, localidade dos colaboradores.

Quadro 1 — Dados gerais dos colaboradores.

QUADRO GERAL: Identificação dos colaboradores	
Colaborador Amelie	Idade: Quarenta e sete anos, sexo feminino. Possui graduação em Letras Português pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL (2014) e Pós-graduação em Língua Portuguesa, Literatura e Psicopedagogia. Atua há quatorze anos em sala de aula. (Efetiva).
Colaborador Hermione	Idade: Vinte e oito anos, sexo feminino. Possui graduação em Letras Língua Portuguesa/ Libras/ Língua Inglesa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB (2019). Pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa - Universidade Cândido Mendes (2021). Pós-graduada em Língua Portuguesa: redação e oratória - Focus (2023). Atua há seis anos em sala de aula. (Efetiva)
Colaborador Stephen King	Idade: Vinte e quatro anos, sexo masculino. Possui Ensino Médio segundo grau pela Escola Estadual Professora Laura Maria Chagas de Assis (2018). Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas. Atua há dois anos em sala de aula. (Contrato).
Colaborador Coraline	Idade: Cinquenta e cinco anos, sexo feminino. Possui graduação em Letras Inglês pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - Aeb (2000), especialização em Inspeção Escolar pela Faculdade Pio Décimo - FPD (2011), especialização em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL (2001). Atua há vinte e cinco anos em sala de aula. (Efetiva).
Colaborador Miss Marple	Idade: Vinte e quatro anos, sexo feminino. Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Alagoas - IFAL e possui Bacharelado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC, Palmeira dos Índios (AL). Atua há dois anos em sala de aula. (Contrato).

Fonte: Autoria própria.

Doravante, apresentaremos a análise e a discussão dos dados a partir das perguntas e respostas obtidas por meio dos formulários acerca de avaliações e exames. Nessa direção, buscaremos interpretar e compreender as respostas dos cinco colaboradores com a pretensão de destacar os traços que contribuam para as reflexões sobre as diferentes percepções acerca de avaliações e exames, com ênfase nos impactos na aprendizagem de discentes.

4 Resultados e discussões dos dados

O primeiro comando e o questionário por completo foram criados a partir das ideias de elaboração de avaliações por Luckesi (1998, p. 346), visto que o autor enfatiza que as questões sejam realizadas de forma crescente, para que contenham questões mais fáceis, intermediárias e, por fim, questões mais difíceis com o intento de que a cognição interprete de modo mais produtivo e confortável aos colaboradores. Sendo assim, nos atentamos para não fugir do propósito da temática que abordamos. Ademais, evidenciamos o questionamento “O que você entende por avaliação processual? Justifique”, pois essa abordagem tem o objetivo de destacar os conhecimentos tácitos que eles possuem e de identificar a forma como eles obtêm a sua aplicabilidade. Além disso, a proposta permite comparar os olhares entre os diferentes docentes em diversas escolas da rede pública contemporânea brasileira.

Pelo exposto, acreditamos ser fundamental incluir esta questão “O que você entende por avaliação processual? Justifique” no início do questionário, pois pensar a avaliação como um processo foge da lógica comumente vista em anos de avaliações externas que culminam em exames reflexos de um estado Avaliador e Competidor, em uma analogia à transformação da escola em mercados que, pela lógica capitalista, querem por suas metas ser mais produtivos e mais bem vistos e procurados do que os outros mercados existentes, o que torna a educação uma competição de mercado, com os ranqueamentos e disputas entre unidades escolares para alcançarem o melhor Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB) e status social, como nos relembra Afonso (2001 *apud* Lima, 2021, p. 58).

Quadro 2 — Respostas dos colaboradores para o comando 1.

COMANDO 1: O que você entende por avaliação processual? Justifique	
Colaboradores	
Colaborador Amelie	A avaliação processual é um instrumento avaliativo essencial para acompanhar o desenvolvimento do estudante durante todas as etapas de sua aprendizagem. Esse método é mais completo e complexo do que realizar apenas avaliação final.
Colaborador Hermione	É a avaliação que acontece durante todo o processo de ensino, de forma contínua e não em apenas um período e através de 1 método.
Colaborador Stephen King	Tipo de avaliação que corresponde avaliar os estudantes a longo prazo, estabelecendo momentos de avanço.
Colaborador Coraline	A avaliação processual é aquela na qual o professor avalia o aluno ao longo de todo o processo escolar. No decorrer de suas aulas durante o

	bimestre, trimestre ou semestre, conforme a sistemática de avaliação da unidade escolar.
Colaborador Miss Marple	A avaliação processual é elemento essencial na jornada contínua de aprendizagem, sendo fundamental para uma construção assertiva do perfil do aluno que desejamos monitorar. Sendo bem sincera e direta, é através dessa prática que conseguimos de fato entender como ocorreu a formação integral daquele(a) ser.

Fonte: Autoria própria.

Após a análise das respostas apresentadas no Quadro 2, observamos, através da resposta do colaborador Amelie, uma confusão/equívoco do termo “avaliação processual”, que é como ocorre uma ação planejada, diferenciando-se de “[...] instrumento avaliativo essencial”, como foi citado no trecho resposta, já que os instrumentos são os meios mais variados: provas, seminários e atividades. Logo, as demais respostas dos colaboradores Hermione, Stephen King, Coraline e Miss Marple transmitem a ideia de avaliação formativa que, por meio de intervenções planejadas e até renovadas ao longo do processo, podem contribuir para a aprendizagem consentida e significativa que transforma vidas de sujeitos. Dessa forma, o colaborador Hermione reflete que “É a avaliação que acontece durante todo o processo de ensino[...]”. Fato este comprovado em sua vivência de sala de aula.

Além disso, evidenciamos, conforme observado no quadro 2, que os colaboradores mencionam o desenvolvimento contínuo, ou seja, aquele que não acaba na escola ao perpassar os muros, interferindo no futuro dos educandos. Por isso, o colaborador Miss Marple contribui ao afirmar que “A avaliação processual é elemento essencial na jornada contínua de aprendizagem, sendo fundamental para uma construção assertiva do perfil do aluno que desejamos monitorar. Sendo bem sincera e direta, é através dessa prática que conseguimos de fato entender como ocorreu a formação integral daquele (a) ser”. E ainda temos a sucinta resposta, semelhante à do colaborador Stephen King: “Tipo de avaliação que corresponde avaliar os estudantes a longo prazo[...]”. É necessário reiterar que há diversas outras formas de avaliações, que são elas: somativa, diagnóstica, comparativa e de certificação.

Na concepção de Both (2008, p. 1), o elo estabelecido entre ensino e avaliação deve ser realizado pelo docente de forma contínua e, ainda, acrescenta que deve ser realizada de forma inovadora e dinâmica a partir do conhecimento dos educandos, como foi pontuado pelo quinto colaborador ao responder que está “[...] sendo fundamental para uma construção assertiva do perfil do aluno que desejamos monitorar”. Isso fica evidente ao realizar o diagnóstico dos educandos e perceber qual o resultado que necessita ser almejado. Assim, é possível entender o sujeito como um todo que carrega uma bagagem sociocultural de ambientes não formais e formais, ou seja, as instituições escolares pelas quais estudou durante toda a sua vida.

O comando posterior tem o objetivo de refletir acerca da seguinte indagação: “A avaliação individualizada, sobretudo para alunos com necessidades especiais, encontra

dificuldades em sua realização? Se sim, quais?” Por meio dessa reflexão, é possível identificar os hiatos entre o que é visto de modo teórico em disciplinas pedagógicas acerca de uma educação inclusiva que se confronta com o ato pedagógico cotidiano. Dessa forma, pensamos em uma avaliação processual integral que abrange a educação em grandes aspectos, sobretudo no que concerne aos portadores de necessidades especiais (PNE). É válido ressaltar que as respostas cumpriram com as expectativas ao assumirem que as mediações dos docentes são representadas por desafios do cotidiano e devem ser cada vez mais atualizadas, bem como evidenciadas por um apoio para se adequarem aos estudantes, sejam eles condicionados por suas necessidades físicas ou mentais.

Quadro 3 — Respostas dos colaboradores para o comando 2.

COMANDO 2: Na sua opinião, a avaliação individualizada, sobretudo para alunos com necessidades especiais, encontra dificuldades em sua realização? Se sim, quais?	
Colaboradores	
Colaborador Amelie	Culturalmente sim, mas essa avaliação individualizada e ao mesmo tempo contextualizada com as demandas dos alunos e o desenvolvimento de suas habilidades são fundamentais para o aprendizado dos alunos com essas necessidades. As principais dificuldades são a falta de conhecimento e de tempo do professor para lidar com as especificações dos estudantes.
Colaborador Hermione	Em alguns casos sim, depende muito da necessidade do estudante, pois trabalho em turmas superlotadas e isso dificulta a avaliação individualizada. No entanto, esses estudantes contam com auxiliares de sala que podem nos ajudar nesse processo avaliativo.
Colaborador Stephen King	Sim! Pois na universidade não temos formação para tal função. Vemos superficialmente, mas não como deveria.
Colaborador Coraline	Não. A avaliação individualizada é necessária, porque o docente necessita conhecer a evolução do estudante. Em relação ao estudante com necessidades especiais, o professor conta com a colaboração de um auxiliar de sala e também do atendimento especializado, no contraturno a depender das necessidades do educando. Cabe, portanto, ao professor estabelecer também uma ponte entre aluno e esses profissionais que colaboram na aprendizagem e na interação do educando. O ideal seria a personalização do ensino, utilizar avaliações personalizadas.
Colaborador Miss Marple	Sim. Infelizmente nosso sistema educacional (principalmente a nível municipal) encontra-se ainda muito falho. Faltam recursos materiais e humanos. Uma das dificuldades, a citar, é a falta de profissionais de apoio para colaborar na aplicação das avaliações por exemplo. No entanto, é através da avaliação individualizada que de fato podemos verificar de forma justa aquele indivíduo.

Fonte: Autoria própria.

As respostas obtidas no quadro 3 revelam os condicionantes que são entraves para a concretização avaliativa mais individualizada. Podemos notar que o colaborador Stephen King relembra a ausência de preparação e os conhecimentos em educação inclusiva advindas de uma formação inicial que ainda apresenta suas lacunas. É inegável que as discussões sobre educação inclusiva são predominantes, entretanto o acesso a meios que possibilitem uma maior familiaridade dos professores com a inclusão educacional ainda apresenta escassez em sua prática. Para Morin (1921, p. 30): “O inesperado surpreende-nos. [...] Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas devemos esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado”. É por isso que o docente deve estar munido de um planejamento que possa ser repensado e abraçar o inesperado ou a incerteza que pode existir em sala de aula a fim de que nos afastemos do pensamento redutor e classificatório. Desse modo, a responsabilização por adquirir mais conhecimentos experienciais e especializados ficam a critério do professor.

Ainda sob essa perspectiva, o colaborador Coraline nos remete a uma elaboração de atividades avaliativas que sejam personalizadas. No entanto, essa prática, quando não há conhecimento especializado, pode ser realizada de modo que não se adeque às necessidades, pois as elaborações que não acompanham o nível de habilidades e competências que o aluno deve estar, assim como os demais alunos, pode gerar uma ação de capacitismo ou descrença pelo docente e, aparentemente, ser realizada como se o estudante não fosse capaz de responder e acompanhar o mesmo nível de série e de ensino que o restante dos educandos. Em relação a isso, ainda encontramos os profissionais de apoio que não têm formação especializada para auxiliar o portador de necessidades especiais (PNE). Em resumo, o professor, como principal agente de mudanças na avaliação educacional, enfrenta uma série de pressões por resultados e ainda tem lacunas na associação de prática e teoria da avaliação que atenda uma forma individualizada.

O terceiro comando que faz parte do questionário se atém a uma pergunta central para a compreensão e para o desenvolvimento desta pesquisa a seguir: “Qual prática pedagógica (avaliação ou exames) ocorre com maior frequência? Qual prática permite que seus alunos tenham maior desenvolvimento e evolução na aprendizagem e por qual razão?” Consideramos uma pergunta intermediária por ter mais de uma indagação. Esta reflexão foi utilizada para retomar a proposta do nosso estudo e tem como pretensão comparar e perceber os entraves para se realizar as avaliações, bem como os momentos nos quais são emergentes avaliar ou examinar. Observamos, com as respostas, se as práticas condizem ou destoam no cotidiano escolar. Portanto, a segunda pergunta possibilitou a verificação dos resultados que os docentes colhem e o passo a passo ao executar as práticas pedagógicas mais comuns.

Quadro 4 — Respostas dos colaboradores para o comando 3.

COMANDO 3: Qual a prática pedagógica (avaliação ou exames) ocorre com maior frequência? Qual prática permite que seus alunos tenham maior desenvolvimento e evolução na aprendizagem e por qual razão?
--

Colaboradores	
Colaborador Amelie	A avaliação formativa e diagnóstica são ferramentas essenciais para acompanhar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, por meio delas consigo perceber e entender como os estudantes estão se desenvolvendo ou estão com dificuldade em determinada competência.
Colaborador Hermione	Avaliação, e essa avaliação se dá de diversas formas, desde o comportamento em sala, a participação nas aulas, apresentações de seminários, provas escritas... pois entendo que a avaliação é contínua e cumulativa.
Colaborador Stephen King	Geralmente ferramentas lúdicas, jogos ou aulas atrativas que despertem o interesse dos alunos.
Colaborador Coraline	Como exposto anteriormente, o aluno é avaliado ao longo do processo escolar.
Colaborador Miss Marple	Atividades avaliativas contínuas. A citar: Busca ativa através de pesquisas, apresentação de seminários, trabalhos em grupo para socialização... Sou adepta a construção diária de "nota", não acredito que uma única prova bimestral pode ser elemento verdadeiro de avaliação.

Fonte: Autoria própria.

Para a análise dos dados apresentados no Quadro 4, é válido salientarmos que as nuances educacionais perpassam as dicotomias de avaliar ou examinar pelos docentes, visto que todos os docentes têm o momento tradicional de aula expositiva. Mas, ao estabelecerem pontes entre ensino e avaliação contínua, utilizam-se métodos que proporcionam reflexões dos educandos e, à medida em que são avaliados durante um longo período de tempo, o aluno afasta-se do método apenas de certificação e envolve-se na ação continuada de aprendizagem.

Dessa forma, é notável que os docentes trabalham com práticas dinâmicas e ainda que façam essas intervenções necessárias para obter caminhos que melhorem as dificuldades dos estudantes. Muitas vezes, os docentes são obrigados a realizarem exames que treinem os alunos para o Sistema de Avaliação Educacional de Alagoas (SAVEAL), Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Prova Brasil e tantas outras ferramentas quantitativas de classificação em massa, como é mencionado na tese de Lima (2021, p. 91). Sequencialmente, temos na resposta do colaborador Hermione a coerência no que diz respeito a avaliar a todo momento em sala de aula, pois, quando o docente toma medidas estratégicas no ambiente escolar, já é possível considerá-las uma ação avaliadora.

Desse modo, os diversos instrumentos metodológicos do professor devem ser utilizados com parcimônia operacional e com equilíbrio acadêmico para que não se sobreponha à nota em relação ao comportamento ou aos dados qualitativos processuais, conforme menciona Both (2008, p. 72). Ainda, no que se refere à produção de “provas escritas”, como respondido pelo colaborador, necessita-se da criação de provas que sejam criadas pelo próprio docente com níveis de questões fáceis, médias e difíceis respectivamente, a fim de que desperte o desenvolvimento do aluno e não somente treine questões como fazem os cursos de vestibulares e exames específicos, já que este não é o papel da escola, lugar no qual o sujeito transforma-se e passa maior parte de seu tempo.

Ao seguir a mesma linha de raciocínio, o colaborador Stephen King e o colaborador Coraline comungam da mesma ideia emergente de suportes didáticos que saiam da monotonia, automatização na qual é empregada pelos exames e testes externos. Em relação a essa questão, Both (2008, p. 73) complementa a ideia pensando que: “Por isso, alguns dos instrumentos de trabalho favorecem a expansão criativa, inventiva e, em consequência, a melhoria do desempenho e da aprendizagem do aluno. Nessa perspectiva, Carvalho (2020, p. 99) destaca que os alunos “são dinâmicos, imediatistas, curiosos e, antes de tudo, nativos da língua portuguesa. Portanto, não cabe mais aprender na teoria, e de maneira mecanizada, aquilo que já sabem na prática.” Assim, os alunos estão imersos em um mundo tecnológico e são instigados a elementos visuais e velozes e assim, não se adequam ao ensino considerado tradicional, por isso deve-se ter uma proposta que fuja da robotização e os façam pensar acerca da linguagem e interação.

O quarto comando foi criado com o intuito de discutir a contestação: “É feito um processo de coleta de dados para poder avaliar os alunos? Se sim, de qual forma foi realizado?” No decorrer das questões, os participantes notam que tudo foi desenvolvido para que fossem tratadas respostas mais aprofundadas que fujam da superficialidade e que expressem os argumentos que levaram a responderem se realizam ou não realizam. Desse modo, o comando foi enviado na intenção de aproximar os autores da realidade pela qual o professor se planeja e de qual forma cumpre o que foi idealizado em consonância com o conhecimento que o docente tem de seus alunos. Ademais, foi perceptível que muitos professores ainda não realizam esta etapa para, por conseguinte, fazer a avaliação, pois esta é uma fase esquecida em muitas ocasiões recorrentes.

Quadro 5 — Respostas dos colaboradores para o comando 4.

COMANDO 4: É feito um processo de coleta de dados para poder avaliar os alunos? Se sim, de qual forma foi realizada?	
Colaboradores	
Colaborador Amelie	Geralmente, trabalho com o processo de escuta ativa para compreender as habilidades e faculdades dos alunos, como também aplicação de atividades pedagógicas com conteúdo didático trabalhado.

Colaborador Hermione	Sim, prova. Mas, na escola em que trabalho, há bimestres em que não se realiza prova escrita, apenas outras formas de avaliações já citadas.
Colaborador Stephen King	Faz-se um diagnóstico no início do ano letivo para identificar o nível de ensino do estudante.
Colaborador Coraline	São anotados os resultados de trabalhos, participação dos alunos, interação nas aulas, de acordo com seu desenvolvimento, para depois se obter o somatório ao final do processo.
Colaborador Miss Marple	Não exatamente. Se essa "coleta" refere-se a dados de construção do aluno como por exemplo, atividades que ele desenvolveu, trabalhos que ele participou, comportamento em sala e para com os colegas... Sim. Mas, se esses dados referem-se a informações pessoais e/ou familiares, não.

Fonte: Autoria própria.

Após a análise dos dados apresentados no Quadro 5, permite-nos afirmar que manter uma elaboração de dados antes, a fim de avaliar os estudantes, revela o planejamento e a ética presentes. Todavia, os instrumentos de levantamento de dados/informações não podem ser confundidos com os instrumentos de avaliações, como ocorreu nas respostas dos colaboradores Hermione e Coraline que trabalham na mesma unidade escolar. Nessa fase de coleta de dados, o professor se encontra com um olhar de pesquisador ao objeto investigado, sendo o objeto: seus estudantes, tal parâmetro é refletido por Luckesi (1998, p. 337) que expressa as condições básicas para a elaboração de um instrumento de coleta de dados a partir dos seguintes elementos: “1- O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola; 2- o planejamento de ensino e 3- o conteúdo e a metodologia utilizados no ensino”. Estes instrumentos de coleta vão depender dos objetivos que o professor deseja atingir na aprendizagem dos discentes.

Ainda nesse ínterim, a coleta de dados caminhará ao lado da forma como o ensino é predisposto para que não haja um desencontro entre o que é trabalhado em aula e o que se cobra como conteúdo a ser estudado para as provas. Ademais, não é válido criar um hiato entre o ensino e a avaliação, ou seja, as tradicionais semanas de provas, nas quais os alunos somente respondem provas escritas e não têm aulas expositivas. Nesse sentido, Luckesi (1998, p. 340) complementa dizendo que se um conteúdo “[...] for ministrado de forma simples, o instrumento deve operar nesse mesmo nível; se os conteúdos foram abordados de modo complexo, o instrumento deve operar também de forma complexa”. Consoante a isso, essa forma de conduzir o suporte de coleta de dados será feita de forma contínua, sem alterações para que não seja injusto com as cobranças ao reproduzir o acompanhamento das etapas de elaboração descritas pelo autor retomado.

Destarte, a ação de acompanhamento para coletar os dados para avaliação implica na tomada de decisões planejadas, pois, se diagnosticada a avaliação, e se essa apresentar falha, deve ser considerada a intervenção que poderá criar novas formas metodológicas de ensino. Posto que esse acompanhamento não se restringe somente em conhecer as raízes do aluno, como foi pontuado pelo último colaborador. Portanto, de um total de cinco amostras, apenas duas realizam coleta de dados de forma adequada e integral no ensino, distinguindo-se dos instrumentos avaliativos, o que revela, mais uma vez, que as escolas praticam mais a examinação do que avaliações. Diante do exposto, Luckesi (1998, p. 291) afirma que “Tomam-se decisões em função dos objetivos que se têm, em conformidade com o projeto de ação assumido”. Esta ideia pode demonstrar que avaliar exige mais do que um método pronto e acabado, na lógica de que tem várias fases de estudo.

O último comando a ser mencionado aqui foi um tópico essencial para melhor enfatizar a temática presente no estudo, sendo esta: “Em sua percepção, o ato de examinar é uma proposta que maior se adequa ao que é exigido pelo PPP - Projeto Político Pedagógico da Escola?”. Ou seja, é considerada a pergunta mais difícil, já que os participantes deveriam ter maior atenção ao enunciado e revisitar a proposta pedagógica específica das escolas nas quais atuam. É essencial perceber que aquilo que é evocado pela proposta pedagógica fica a critério do professor cumprir as incumbências dele, já que é uma ação que fica a critério do docente.

Quadro 6 — Respostas dos colaboradores para o comando 5.

COMANDO 5: Em sua percepção, o ato de examinar é uma proposta que maior se adequa ao que é exigido pelo PPP - Projeto Político Pedagógico da Escola?	
Colaboradores	
Colaborador Amelie	Com certeza, é preciso entender a importância do PPP e adequá-lo às necessidades da escola e da comunidade escolar em que ele está sendo desenvolvido.
Colaborador Hermione	Não. Mas acredito ser muito importante, pois será, futuramente, a realidade dos nossos alunos que farão vestibulares, ENEM, concursos...
Colaborador Stephen King	Hoje fala-se em avaliação contínua, onde todo o processo vai contribuir para aquele estudante.
Colaborador Coraline	Não sou a favor de exames e sim da interação professor x alunos, alunos x alunos, e posteriormente, uma avaliação que seja significativa para o aluno, que poderá culminar até numa prova, porém o mais importante é a formação do senso de criticidade no estudante, sua compreensão mais ampla de mundo e das coisas, sua

	criatividade, o sentir-se importante no mundo e perceber sua capacidade enquanto aprendiz. O professor é esse elo propulsor, capaz de provocar novas aprendizagens no aluno.
Colaborador Miss Marple	Não. Recordando o PPP, examinar na realidade é um dos últimos atos a ser levado em consideração. Leva-se muito em consideração aspectos estruturais do aluno, interesse, demonstrativos de participação ativa. Mas, o "exame" ainda é fundamental para tomadas de decisões.

Fonte: Autoria própria.

Diante das respostas obtidas pelo último comando do formulário, observamos que, no total de cinco participantes, apenas o colaborador Amelie revelou os exames como fonte principal de método para classificar os estudantes ao mencionar que “Com certeza, é preciso entender a importância do PPP.” Assim, apesar das diversas reformas educacionais e atualizações de currículos conforme menciona Miranda (2012), ainda encontramos instituições que priorizam este meio tradicional de aplicação de testes que podemos considerar um caminho mais simples, porém mais estreito e tortuoso para se chegar à aprendizagem valorativa. Vejamos o que diz a Miranda (*ibid.*):

A reforma educacional contemporânea recoloca o tema da formação de professores. É preciso formar diferentemente os professores, dizem-nos, porque o mundo mudou, porque a escola que já era insuficiente não consegue corresponder às exigências desse novo mundo [...] (p. 129).

Como visto no quadro 6, o colaborador Hermione reflete o ato de examinar de forma crítica como um passo para o futuro dos educandos com os concursos que serão decisivos para suas carreiras ou até para a formação contínua dos alunos quando insere que: “Não. Mas acredito ser muito importante, pois será, futuramente, a realidade dos nossos alunos que farão vestibulares, ENEM, concursos...” No entanto, a escola não pode ser confundida com os cursos preparatórios para concursos públicos que possuem a finalidade de ingresso em planos de carreira e a estabilidade financeira, pois a escola vai muito além dessa proposição.

De fato, esta discussão nos faz remeter à determinada questão, pois, afinal, qual seria o papel da escola? Consoante a isto, temos a definição de funções da escola para a sociedade contemporânea, argumentadas no artigo 205 da Constituição Brasileira Federal que postula os objetivos escolares, sendo eles: “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho”, de acordo com Brasil (Art. 205). Sendo, portanto, atribuições dos estabelecimentos de ensino: a garantia que esse direito se realiza na prática cotidiana, e a escola vai ainda mais além de apenas um treinamento para testes externos, posto que a aprendizagem será cultivada ao longo da trajetória de cada sujeito. Ademais, é necessário lembrar que a escola não deve ser um parâmetro para servir aos indicadores de desenvolvimento externos, mas um local que amplia a visão dos sujeitos e promove a transformação de indivíduos.

Outrossim as demais duas respostas de Stephen King e Coraline consideram a avaliação como um elemento essencial para uma aprendizagem efetiva, pois afirmam que: “Hoje fala-se em avaliação contínua, onde todo o processo vai contribuir para aquele estudante”, e ainda: “posteriormente, uma avaliação que seja significativa para o aluno, que poderá culminar até numa prova, porém o mais importante é a formação do senso de criticidade no estudante, sua compreensão mais ampla de mundo e das coisas, sua criatividade, o sentir-se importante no mundo e perceber sua capacidade enquanto aprendiz”, posto que foi guiada pela proposta pedagógica da unidade escolar a que se referem. É válido destacar, além disso, que os colaboradores Hermione e Coraline trabalham na mesma instituição, no entanto possuem visões diferentes ao perceberem o chão da escola. Em todo caso, as respostas dos colaboradores Hermione e Miss Marple nos levantam dúvidas na realização avaliativa em prática, pois, pelas discussões, aparenta não ocorrer em todo o momento a utilização das avaliações. Por suposição, as práticas de exames são realizadas em muitas instituições como castigos ou reforços para que os estudantes levem mais a sério e entendam que estudar representa um compromisso inigualável. Portanto, as percepções de que as avaliações devem ser aplicadas e são em maior parte desenvolvidas, são unânimes em relação aos exames.

Considerações finais

É notória a importância da avaliação planejada e formativa para conseguir uma aprendizagem significativa. Além disso, é evidente a complexidade das dicotomias de avaliação ou de exames e como essas têm efeito na formação e na prática pedagógica contemporânea. Desse modo, refletir acerca dos atos de avaliar, com foco nos possíveis impactos resultantes do processo de ensino-aprendizagem, possibilita perceber o quanto esta questão é vasta e que ainda há muitas lacunas a serem exploradas, pois é um aspecto que acompanha as diversas alterações educacionais do perfil e das necessidades dos educandos, questão esta que perpassa os muros da escola e reflete-se nas pesquisas da área da educação brasileira.

A despeito disso, o professor deve estar preparado para enfrentar os desafios advindos da preferência e execução de avaliar os educandos que, como foi visto, não é tarefa fácil, todavia é a melhor saída para intervenções e melhorias no desenvolvimento dos estudantes. Se assim é, inferimos que este estudo nos proporcionou insights proveitosos e cumpriu o objetivo proposto de entender como a prática se realiza. Por fim, destacamos que há muito trabalho a ser feito, com ênfase no âmbito da formação inicial e continuada de professores, em especial no campo dos estudos sobre avaliação no contexto escolar, no sentido de que o processo avaliativo dos alunos do ensino básico seja visto com mais cuidado e atenção pelos profissionais das áreas de Letras e Pedagogia.

Como citar este artigo?

DAMASCENO, I. S.; CABRAL, E. S.; MELO, P. A. G. Olhares acerca de avaliações e exames: algumas reflexões sobre os impactos na aprendizagem de alunos na educação básica. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 7–24, 2024.

Referências

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 12.ed. Porto: Porto, 2003.

BOTH, I. J. *Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina*. 2.ed. rev. Curitiba: Ibpex, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988: Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I - Da Educação*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CARVALHO, T. M. C.; THIES, T.; LAUTENSCHLAGER, L. *Fundamentos teóricos e práticos do ensino de Língua Portuguesa*. 1. ed. Curitiba: IESDE, 2020.

COMO Estrelas na Terra. Direção: Aamir Khan. [S. l.]: PVR Pictures, 2007. Disponível em: <https://ijhmreview.org/ijhmreview>. Acesso em: 22 dez. 2024.

FREIRE, E. S.; CARVALHO, A. O. P.; RIBEIRO, A. P. M. A avaliação educacional: uma dimensão histórica. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 12.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2. 26-28 set. 2013. Fortaleza. *Anais do 12º Encontro Cearense de História da Educação e do 2º Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação*, Fortaleza (CE), 2013, p. 27–40.

LIMA, L. F. *Sistema de Avaliação Educacional de Alagoas - Saveal: desvelando uma política pública e sua relação com a gestão*. 2021. 385 f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: componente do ato pedagógico*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MELO, P. A. G. de. *Dicionário escolar de língua portuguesa no ensino básico brasileiro: algumas reflexões*. Revista Humanidades e Inovação v.8, n.42, p. 333–341.

MIRANDA, M. G. D. O professor pesquisador e sua pretensão de resolver a relação entre a teoria e a prática na formação de professores. In: ANDRÉ, M. (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 107–128.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PAIVA, V. L. M. O. *Manual de Pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

SANT'ANNA, I. M. *Por que avaliar? Como avaliar? critérios e instrumentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

OLHARES ACERCA DE AVALIAÇÕES E EXAMES: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

SILVA, G. N. *Avaliar ou examinar?* uma reflexão sobre o papel da avaliação. 2022. 11f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Instituto Federal Goiano, Campos Belos, 2023.

VASCONCELLOS, C. S. *Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação: do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem.* v. 5. São Paulo: Libertad, 1998. Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad.

VEIGA, I. P. A. (org.). *Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível.* Campinas, SP: Papirus, 2011.